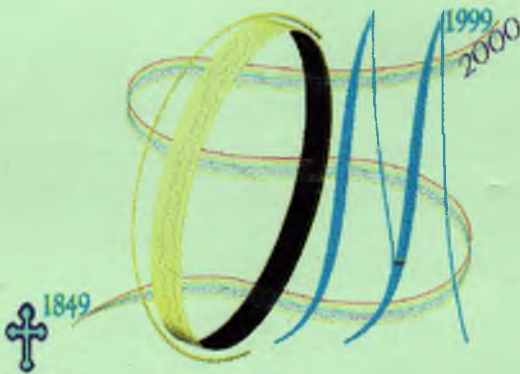


10/1998

Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Religiosas do
Sagrado Coração de Maria

Província Brasileira



Caminhando em espírito de Jubileu...

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Província Brasileira

Equipe Administrativa

Nº 04/98



“Somos sempre motivadas a não parar na história porque a humanidade caminha”.

(Terezinha Cecchin –cal.98)

Belo Horizonte, 30 de outubro de 1998

Queridas Irmãs,

Com o coração ainda aquecido e cheio de alegria pela presença do Conselho Geral entre nós, podemos de maneira nova e com muita esperança confirmar que o Senhor Ressuscitado, de modo muito simples e profundo, nos visitou especialmente neste tempo...

É com este espírito e conscientes de que a celebração do Jubileu é um apelo a reconhecer e praticar a interdependência (Vida Caminhada n.º 3), que queremos partilhar hoje a síntese da reflexão anteriormente encaminhada pela Equipe Administrativa e das sugestões enviadas ao Conselho Provincial, no sentido de ajudar-nos a todas a “procurar que haja grande coerência entre aquilo que proclamamos e a sua expressão na nossa vida pessoal e comunitária”. (Const. # 32)

Apreciamos o empenho e a seriedade do aprofundamento feito em comunidade. Agradecemos o estímulo, no desejo de que continuemos a aprofundar a nossa vida de discípulas, certas de que "o poder de transformação de Cristo trabalha através de cada uma de nós e nos faz agentes de transformação". (Lourdes Machado -cal. 98)

Com a síntese da reflexão anterior, estamos enviando, conforme sugestão das comunidades, um subsídio para aprofundamento, a partir do sentido bíblico do Jubileu.

Nossa sugestão é que a celebração final, como conclusão do aprofundamento, seja feita na 2ª semana do Advento.

Confiantes na ação do Espírito que nos inspira a atuarmos de modo novo, como mulheres novas, carinhosamente,



L. Paré da Rocha

p/ Equipe Administrativa

“A motivação das propostas do Jubileu tem inspiração religiosa, mas a sua concretização incide sobre a realidade social”.

(D. Demétrio)

A – “O espírito do Jubileu chama-nos a repousar a nossa terra...” (Vida Caminhada nº 1) Repousar a terra pode ter muitos significados para cada uma de nós:

- retomar a caminhada
- identificar a força que move a nossa vida
- retificar, corrigir as diferenças sociais e restabelecer relacionamentos justos
- desejar a conversão do coração para sermos mulheres de corações novos
- verificar “em quê”, “como”, “com quem” estamos gastando a nossa vida
- descobrir as sementes de VIDA NOVA a brotar da “terra repousada...”

Para prosseguir nesta reflexão, gostaríamos de chamar a atenção sobre o grande relógio instalado em algumas capitais, com a contagem regressiva do tempo para a chegada do novo milênio, data do grande Jubileu.



> Que significado tem para nós, RSCM, esta contagem do tempo? Que oportunidades este tempo nos dá?

> Que passagens bíblicas, que palavras do Pe. Gailhac vêm à nossa mente, que nos encorajam e nos interpelam a viver este tempo de modo a sermos presença marcante neste limiar de século?

Recentemente, no estudo do Bom Pastor, refletimos sobre uma carta do Pe. Gailhac, datada de setembro/1882, em que dizia: "Queridas filhas, mãos à obra! Com entusiasmo, generosidade e perseverança! Uma vez mais, mãos à obra! Sem demora, sem descanso".

➤ O que dizem para mim/nós estas palavras, concretamente neste tempo?

B – Podemos perceber que o sentido bíblico do Jubileu tem profunda relação com a nossa missão geradora de vida porque:

- chama-nos a promover a cultura da VIDA
- interpela-nos na capacidade de estabelecer relacionamentos de reciprocidade, de interdependência, de igualdade
- convoca-nos à vivência da partilha, da solidariedade, do perdão das dívidas
- desafia-nos de modo sempre novo, a colocarmos e os nossos recursos a serviço daqueles que têm mais necessidade de justiça; a trabalhar de maneira criativa para que todos tenham vida. (DM)

Aprofundemos os textos de:

- Ex. 23, 1-13
- Deut. 15, 7-11
- Lev. 25
- Lc. 4, 18-20
- Const. # 4, 6, 26



e façamos um confronto com a nossa vida.

➤ Em que aspectos da vida do dia-a-dia este conteúdo nos encoraja a estabelecer relacionamentos de reciprocidade-cultivar atitudes de Bom Pastor? (Cf. PPT prog. 1)

➤ Que sinal nós somos neste mundo impregnado pela cultura de morte, marcado pela desesperança, pelas desigualdades, pelo individualismo? Como este sinal se manifesta?

Jubileu é também tempo de bênção, tempo de dar graças.

➤ Olhando para a nossa vida pessoal / comunitária / a vida da Província / do Instituto, e lançando um olhar sobre o mundo, o que percebemos como motivo de ação de graças, como bênção e sinal de esperança?

C -“Conscientes da interdependência de toda criação e do impacto global que a nossa maneira de viver localmente tem na qualidade de vida das pessoas, comprometemo-nos a ser socialmente responsáveis no que respeita ao uso dos bens, dos recursos financeiros e aos investimentos financeiros”.



(CG 95, concl. 3,2)

A Globalização é uma realidade irreversível, um fato visível aos nossos olhos e traz no seu bojo marcas ambíguas e contraditórias.

De um lado, que podemos chamar o LADO DA LUZ, cria em nós a consciência de fazermos parte de uma grande comunidade mundial, permitindo-nos entrar em imediata sintonia a nível mais amplo, globalizado, fazendo-nos experimentar a possibilidade de solidariedade com todos os povos da terra.

Por outro lado, LADO DA SOMBRA, a globalização faz acentuar o abismo da desigualdade entre os países do Norte e os países do Sul, entre ricos e pobres. Enquanto tradução dos objetivos e do ideal do neoliberalismo – a lógica do mercado, do consumismo, do individualismo, da mercantilização...- a globalização traz sérias conseqüências e vai excluindo cada vez mais milhares e milhares de pessoas da participação na vida da sociedade, porque quem não tem valor no mercado, acaba ficando excluído da sociedade. E vemos crescer: a fome, a violência, a insegurança, a depressão, a perda do sentido da vida, a população de rua (crianças e adultos), a prostituição...

Retomando o paralelo entre a prática do Bom Pastor e a prática dos Assaltantes no Evangelho de S. João 10, entramos imediatamente em sintonia com o coração do Pe. Gailhac e de Mère St. Jean, fiéis seguidores da prática do Bom Pastor.

Podemos, então, nos perguntar:

> O que fala para nós esta realidade, dentro do espírito do Jubileu?

> O que nós falamos a esta realidade, no sentido de resgatar a esperança, de fortalecer a vida, de diminuir as diferenças?

> Como, na prática, tenho/temos assumido uma postura de inclusão do excluído em nossa vida:

- pessoal
- comunitária
- e ministérios?

(Cf. PPt Prog. 2, Const. # 8, 21)

“Impelidas por um zelo ardente não hesitamos em colocar criativamente a nossa vida a serviço e em defesa da vida”.

(Rosa de Lima Pereira- cal. 98)

PARA ALARGAR A REFLEXÃO

DÍVIDAS

E

JUBILEU

*Elementos para reflexão teológica
e pastoral sobre o tema das Dívidas*

Introdução

A proximidade do Jubileu do Ano 2000 coloca em evidência a importância teológica e pastoral do tema das Dívidas. Muito mais do que uma questão periférica e ocasional, a questão das Dívidas está no cerne da proposta do Jubileu, mas está também no cerne do novo relacionamento que Cristo veio estabelecer e propor, tanto assim que ele colocou esta questão na “Oração” que ensinou aos discípulos, síntese prática de todo o seu Evangelho.

O recente encontro promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas, em Málaga, Espanha, de 19 de abril de 1998, visando preparar uma declaração sobre Dívida Externa, a ser assumida pela próxima Assembléia do CMI, evidenciou esta forte vinculação do tema das

Dívidas com o Jubileu. Além disto, o contexto ecumênico do encontro mostrou que o tema das dívidas pode se tornar ponto de união entre as Igrejas. Assumindo a causa do “perdão das dívidas”, as Igrejas podem prestar um válido serviço ao mundo de hoje. E a proximidade do mundo muçulmano, onde vai se realizar a Assembléia do CMI, (em Harare, no Zimbawe), revelou que o tema das dívidas assume a forma aceitável como hoje o Evangelho de Cristo pode ser acolhido pelo mundo.

Por isto, o Jubileu pode, sim, se tornar um precioso momento da “Nova Evangelização”, na medida em que for assumida, de maneira adequada, a questão das Dívidas na sua celebração.

1- Vinculação do tema com o Jubileu

Se olharmos em que consiste a proposta bíblica do Jubileu, percebemos que ela se volta, por inteiro, para a situação real vivida pelo povo, propondo a libertação dos jugos acumulados sobre ele. As propostas concretas do Jubileu, pelas quais ele acontece, são: o perdão das dívidas (Dt 15,1-10), a libertação dos escravos (Dt 15,12-14), o repouso das terras aráveis e recuperação das propriedades (Lv 25,1-12).

São distorções que vão se acumulando ao longo dos anos, e que necessitam, periodicamente, de uma retificação radical. É isto que o Jubileu propõe.

Para efetivar a retificação de distorções acumuladas, encontra-se a inspiração e a motivação também num acúmulo de significado religioso, contido no sentido bíblico do “sétimo dia” dedicado ao Senhor, e que resultava no descanso para o homem. O Jubileu, afinal, resulta da multiplicação, por sete, de sete anos, que se inspira no sétimo dia, que é o Dia do Senhor.

Portanto, a motivação das propostas do Jubileu tem inspiração religiosa, mas a sua concretização incide sobre a realidade social.

Vale a pena perguntar-nos sobre a direção que está tomando a celebração do Jubileu, inclusive para conferir se levamos em conta a ênfase dada por João Paulo II à questão das dívidas. Ele teve a lucidez e a coragem de ampliar as “indulgências”, que



em outros jubileus se limitavam ao perdão dos pecados pessoais. No entender de João Paulo II, a celebração do Jubileu deve convergir para iluminar a realidade e incentivar sua retificação, suprimindo as opressões acumuladas. Para não acontecer que, em vez da realidade, detenhamos o olhar na própria luz. Quando um estádio é bem iluminado, ele já é, em si mesmo, um bonito espetáculo, que faz parte da festa. Mas toda a iluminação está a serviço do verdadeiro espetáculo, que deve se realizar em campo.

Se toda a iluminação de nossa fé cristã, com o esplendor da revelação trinitária, nada repercutisse sobre a vida do mundo, ainda continuaria válida a pergunta lançada ao povo no exílio: “onde está o Deus de vocês?”. O Jubileu nos incentiva a projetar com força esta luz sobre a realidade, e sentir como ela é benéfica para tornar o mundo mais de acordo com o mistério de amor que Deus revela em si mesmo, que nos envolve, e que Ele propõe como inspiração para um novo relacionamento entre nós.

2- Centralidade do tema das dívidas

Na proposta bíblica do Jubileu, o “perdão das dívidas” constitui o seu núcleo central. Pois na verdade, as diversas opressões acumuladas são expressões de dívidas, que tomam formas de escravidão, de expropriação das propriedades, de exploração da natureza. É o sistema produtor de dívidas que deve ser desmontado e neutralizado. Desta maneira se realiza, eficazmente, o “perdão” das dívidas. A intuição de que as “dívidas” estão no cerne do mecanismo de exploração está presen-



te na proposta da Terceira Semana Social Brasileira. Hoje pareceria superado falar em libertação de escravos, mas permanece atual propor o “resgate das dívidas sociais”, dentro das quais identificamos mecanismos de dominação que produzem os mesmos efeitos dos tempos da escravidão e do colonialismo.

3- A dimensão evangelizadora do “perdão da dívida”

O sentido amplo e atualizado do “perdão das dívidas”, visando recriar as condições de vida para todos, se constitui numa “boa notícia”, que vem ao encontro das expectativas de todas as pessoas, independentemente de suas convicções religiosas. Daí o potencial evangelizador de um jubileu que tenha como proposta central o perdão das dívidas. Os muçulmanos, por exemplo, não estão celebrando jubileu nenhum, até porque seu calendário é diferente. E nem estão a fim de se entusiasmarem, como nós, por “um novo milênio cristão”. Mas se o jubileu cristão



tiver a força de propor para o mundo o perdão das dívidas dos países pobres, fica mais aberto o caminho para uma apreciação diferente do Cristianismo por parte deles e de todos os povos.

4- Sua importância pastoral

As nossas “Diretrizes da Evangelização” destacaram as “exigências” da Evangelização. E colocaram o “serviço” como a primeira delas, inclusive a que abre caminho para as outras: o diálogo, o anúncio explícito e o testemunho de comunhão.

O problema das dívidas comprova esta precedência do serviço nos caminhos da evangelização. Esta precedência o Evange-

lho a expressa de diversas maneiras, seja pela parábola do Bom Samaritano, onde os preocupados pela dimensão religiosa não souberam ser o “próximo” de que necessitava a vítima dos assaltantes daquele tempo. Hoje os assaltantes são outros, mas certamente nós não poderíamos ignorar a multidão de vítimas do sistema econômico saqueador, pela pressa de chegarmos em tempo para as festas do Jubileu.

5- Centralidade evangélica do perdão

O “resgate” da importância das dívidas na questão do Jubileu está recuperando a centralidade evangélica do perdão. Assim entendemos melhor por que a questão do “perdão das dívidas” foi colocado por Cristo em sua “oração paradigmática” que é o Pai Nosso. Ela é a concretização prática do Evangelho de Cristo, com seus fundamentos teológicos e sua vivência cotidiana. Pois bem, nesta oração, as dívidas são colocadas como uma realidade que é “nossa”, mas que pelo perdão se torna instrumento da “gratuidade” da misericórdia divina, que é o cerne do Evangelho de Cristo. Assim fica invertida a perspectiva da famosa discussão que ocupou boa parte dos cristãos nesses últimos quinhentos anos, a respeito da “justificação”. A justificação acontece pelo perdão, recebido na condição de também ser dado. E reencontramos, de maneira eficaz, a centralidade de Cristo como portador da misericórdia gratuita do Pai, no amor do Espírito Santo.

São três os “nossos” que dão o ritmo da seqüência e do encadeamento de toda a oração que o Senhor nos ensinou: o “Pai nosso”, o “Pão nosso”, e as “nossas dívidas”, sendo que este último estabelece uma vinculação com os “nossos devedores”, vinculação que a oração coloca como condicionante, e que o Evangelho de Mateus retoma em seguida, para enfatizá-la: “Pois, se perdoardes... o Pai vos perdoará... mas se não perdoardes... o vosso Pai também não vos perdoará” (Mt 6.14-15).

Quem sabe, para o ano 2.000, com a Campanha da Fraternidade ecumênica, possamos resgatar também a própria palavra “dívidas” no Pai Nosso, e assim poderemos rezar juntos a oração que o Senhor nos ensinou não só com as mesmas palavras, mas com os mesmos sentimentos de perdão mútuo e de unidade refeita.

Dom Demétrio Valentini
Responsável pelo Setor Pastoral
Social na CNBB

D – RITUAL DE ENCERRAMENTO EM COMUNIDADE

- Compor o ambiente com símbolos da realidade. A sugestão é que faça parte destes símbolos uma vela acesa.
- Cantar ao Espírito Santo
- Cada irmã faz a partilha do que ficou mais forte no seu aprofundamento pessoal (Após cada partilha sugerimos cantar "Envia teu Espírito, Senhor. E renova a face da terra")
- Rezar o Salmo 146 (145)
"Feliz quem coloca sua esperança em Javé seu Deus".
- Como expressão do compromisso assumido no batismo e fortalecido no SIM ao seguimento de Jesus Cristo, cada irmã pega a vela acesa e expressa sua esperança: **prossigo a caminhada na esperança de que ...** (cada irmã terminando sua expressão passa a vela à outra).
- Acolhendo tudo o que vimos e ouvimos, que ação concreta vamos assumir como comunidade?
- Canto : Quero ouvir teu apelo Senhor...
- Envio: Deut. 30, 11-14.



"... para que todos tenham Vida."